

# Tensionar o presente, repensar a existência

---

EDILSON CAZELOTO

O Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Ciberultura (CENCIB), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, realizou, de 10 a 26 de agosto de 2004, o Ciclo de Conferências e Debates "Horizontes do ciber mundo: tensionar o presente, repensar a existência", sob a coordenação geral de Eugênio Trivinho.\* Com isso, o CENCIB ressalta a sua vocação institucional e científica: abrigar pesquisadores interessados em refletir sobre a dinâmica do mundo contemporâneo e seu modo de organização material e simbólico, expresso no conceito de *cibercultura*, tomado como a fase social-histórica da civilização tecnológica contemporânea. Para tanto, vale-se de abordagem desde o início heterogênea, almejando renovação conceitual e epistemológica mediante o concurso de saberes disseminados por todo o espectro das ciências humanas e sociais.

Para a realização do evento – que contou com mais de 250 inscritos – o CENCIB convidou 23 pesquisadores de diversos Programas de Pós-Graduação para, durante três semanas consecutivas, apresentarem, em nove painéis temáticos, seus Projetos atuais de Pesquisa e/ou colocarem em discussão os seus objetos de estudo, à luz do conceito de ciber cultura.\*\*

\* O presente texto funda-se numa interpretação inteiramente livre a respeito do conjunto das conferências apresentadas. As mesas de debate não são aqui consideradas em ordem cronológica, mas, antes, em função dos temas abordados.

\*\* O programa oficial do evento está disponível na URL [http://www.pucsp.br/pos/cos/evento\\_cencib](http://www.pucsp.br/pos/cos/evento_cencib). As conferências e debates foram gravadas (na íntegra) em vídeo. O material – correspondente a 9 fitas em formato VHS – foi incorporado ao acervo da biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri, da PUC-SP, e está disponível para consulta.

O cenário tecnocultural comum a todas as reflexões feitas foi delineado na conferência de abertura, ministrada por Trivinho, intitulada "Comunicação e cibercultura: para além da pós-modernidade". Segundo sua análise, desde a segunda metade do século XX, o mundo assiste a uma erosão extensiva e irreversível dos valores ocidentais na qual se implica, fundamentalmente, a crise das "teleologias" ou da noção tradicional e moderna de "finalidade", secularmente cumprida por um sujeito histórico (individual ou coletivo). Fincada na comunicação como "único poder, acima dos poderes da República", a formação social aí implicada nasce "órfã de um projeto político" — pelo que nada teríamos, porém, a lamentar.

Em sua argumentação, Gilson Schwartz (IEA/USP) ressaltou que a demissão do político implica o crescimento do poder do mercado em detrimento do Estado. Também sobre a crise das formas tradicionais da política, da sociedade e até mesmo da guerra, Henrique Antoun (ECO/UFRJ) discutiu o conceito de *netwar*: os conflitos bélicos, nas condições atuais, podem ser (e efetivamente são) praticados por "parceiros dessimétricos". Não se trata mais de um Estado contra outro ou uma corporação contra outra, mas pequenos grupos (e até indivíduos, no limite) contra Estados de poder militar infinitamente superior.

Pensando a violência ao nível filosófico, Norval Baitello Júnior (COS/PUC-SP) chamou a atenção para os novos regimes de visibilidade possibilitados pelo advento dos *media* interativos. Interessado na busca pelo sentido da visibilidade, o conferencista alertou para a idéia de que a visão passou por uma transformação fundamental: de uma função de alerta para uma função de "ataque".

Neste contexto, de violência constante, fluida e indeterminada, Edson Passetti (CSO/PUC-SP) discorreu sobre a "sociedade de controle". Em sua análise, a sociedade contemporânea se funda na noção de "segurança". É essa noção, calcada no direito, na norma e no programa, que assegurará a possibilidade do exercício do controle diretamente sobre os comportamentos, condicionando os fatores essenciais para a formação da "cultura da obediência". Mesmo a arte, que tradicionalmente sempre se colocou como pólo de resistência e rebeldia em relação ao poder, perde o seu caráter corrosivo, conforme também o ressaltou Florence de Mèredieu (Panthéon-Sorbonne, Universidade de Paris I).

A arte e suas relações com as novas tecnologias foram ainda objeto da conferência de Gilberto Prado (ECA/USP), que traçou um panorama histórico da "arte em rede" a partir dos anos 60 do século passado, apostando na capacidade de os artistas se apropriarem da estrutura técnica dada para criar uma forma de "uso desviado". Para Prado, o uso das redes poderia, na cibercultura, possibilitar a circulação ampliada de informações e gerir processos de apropriação e criação coletivas.

Dilatando essa idéia, fincada no conceito de "coletividade em rede", Rogério da Costa (COS/PUC-SP) ressaltou as condições dadas para o crescimento do chamado "capital social", vale dizer, para a capacidade de indivíduos e grupos entrarem em relação com outros, com base na noção de "reconhecimento".

Indagando-se acerca dos efeitos das relações de reconhecimento mediadas pela máquina, Ana Claudia de Oliveira (COS/PUC-SP) colocou em evidência as mutações no âmbito da sensibilidade. Se, historicamente, a sensibilidade sempre dependeu da presença de um corpo e da ação deste sobre o mundo, a mediação da máquina insere, nesse contexto, uma miríade de possibilidades de experiências, não mais vividas diretamente, no entanto, e sim por mediação da interface. Conforme expôs Helena Katz (COS/PUC-SP), trata-se agora de pensar um corpo ao qual não corresponde mais um "local", um *hic et nunc*, que sempre o definiu.

A essa ausência do "aqui e agora" corresponde, na perspectiva de Nelson Brissac Peixoto (COS/PUC-SP), uma crise na representação do visível. Brissac afirmou que, diante da improbabilidade de se isolar atualmente um ponto fixo no movimento contínuo, os "processos de cognição, percepção e representação de territórios e configurações espaciais" se tornam obsoletos. Refletindo sobre as possibilidades de apropriação da cidade, Lucrecia D'Alessio Ferrara (COS/PUC-SP) apresentou o seu projeto de leitura da "cidade como mídia". Nessa abordagem, a nova megalópole privilegia os "fluxos" em detrimento dos "fixos" numa paisagem "pós-comunicativa" em que os tradicionais pólos "emissor/receptor" não estão mais explícitos e a interação dá lugar à interatividade.

A esse novo corpo, doravante conectado, atuando em rede, teleinteragindo numa paisagem instável sob a velocidade dos fluxos, assim desprovido de suas coordenadas histórica e antropologicamente herdadas, corresponde uma nova subjetividade, uma nova forma de estar no mundo. A conferência de Arlindo Machado (COS/PUC-SP) buscou mapear visões antagônicas sobre o estatuto das trocas subjetivas no ciberespaço, enquanto Mauro Wilton de Sousa (ECA/USP) realizou uma genealogia da noção de sujeito, propondo que a nova subjetividade se constrói, tanto mais agora, "a partir de" e "com" as máquinas. O resultado desse processo pode ser o que Edgard de Assis Carvalho (CSO-PUC/SP), argumentando do ponto de vista da antropologia, definiu como a emergência de "subjetividades tensionadas" movendo-se entre "futuros incertos, passados inglórios e presentes efêmeros".

A necessidade de reordenar categorias clássicas do pensamento ocidental – tarefa que norteou o evento inteiro – também compareceu na conferência de Lúcia Santaella (COS/PUC-SP), que discorreu sobre o sentido específico, em suas pesquisas, do conceito de "pós-humano", a saber: "*a desconstrução das certezas*

*ontológicas e metafísicas implicadas nas categorias, geralmente dicotômicas, de sujeito, subjetividade e identidade, subjacentes às concepções humanistas que alimentam a filosofia e as ciências do homem nos últimos séculos".*

Questionando a matéria no terreno da própria filosofia e delineando a genealogia da noção de humano, Francisco Rüdiger (FAMECOS/PUC-RS) advertiu, com efeito, não ser de maneira alguma evidente ou natural que sejamos humanos. "*Somos aquilo que responde à pergunta a respeito de quem somos*" – lembra o conferencista – "*e essa é uma pergunta do pensamento; e o pensamento, de maneira nenhuma, máquina nenhuma deverá substituir*".

Apesar da notável diversidade de temas, "lugares de fala" e formulações e das heterogeneidade teórica dos participantes dos painéis, o que se viu, portanto, foi, em grande medida, um resultado reflexivo orgânico, dotado de coerência interna: um panorama vivo das ciências humanas e sociais contemporâneas no qual a profusão de inquietações e incertezas encerra, em si mesma, as profundas transformações em curso. Sob o égide delas, as divergências de pontos de vista tornaram-se implicações mútuas, enquanto as distâncias entre os objetos de análise revelaram-se relativas e instáveis. Assim, a conhecida demarcação entre as áreas de conhecimento perdeu o sentido: falou-se de política para pensar a estética, de arte para refletir sobre a máquina, de semiose para entender a cidade, de poder para questionar o sujeito, e assim por diante. Se o evento tinha por função institucional e política tensionar o presente e repensar a existência, ele também foi, na verdade, uma extensiva oportunidade para um grupo seleto de pesquisadores brasileiros repensar o presente para, quem sabe, tensionar o futuro.

EDILSON CAZELOTO é membro-fundador do CENCIB, jornalista e doutorando do programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. edcazeloto@yahoo.com.br

*Texto agendado em 4 de setembro  
e aprovado em 4 de outubro de 2004*